

V Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica  
23 a 25 de julho de 2017

GT ENESEB

**O ofício de professor de sociologia em tempos imprevisíveis**

Rosimeri Aquino da Silva – UFRGS -Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul

## **O ofício de professor de sociologia em tempos imprevisíveis**

### **Resumo**

Qual o significado do ofício de professor de sociologia, de Ensino Médio, para licenciandos dessa área de conhecimento? Essa é a questão que procuraremos responder a partir de nossa experiência enquanto professores orientadores que atuam na formação de novos professores de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nos valeremos das experiências com esses futuros docentes nos encontros, oficinas, debates ocorridos em sala de aula, e na análise de relatórios e entrevistas realizados com eles, onde a questão preponderante é o exercício profissional. Se o trabalho contemporâneo num amplo espectro se caracteriza como precário, flexível, instável para todas as profissões, o futuro professor de sociologia, obviamente, não está fora desse contexto. Diversos estudos sobre a organização do trabalho na atualidade apontam que as mudanças tecnológicas, informacionais e outras, contribuem para a desregulamentação, precarização e conseqüente enfraquecimento de instituições de representação coletiva de trabalhadores em geral. A vulnerabilidade profissional não é uma condição nova para o professor de sociologia, pois historicamente sobre ele tem pesado um status de menor relevância. O presente trabalho visa compreender como os licenciandos de Ciências Sociais se adequam à conformação profissional da atualidade, e quais são as perspectivas que eles elaboram sobre o ofício de professor de sociologia para os anos que virão.

**Palavras-chaves:** ofício de professor, precarização do trabalho, formação de professores

Qual o significado do ofício de professor de sociologia, de Ensino Médio, para licenciandos dessa área de conhecimento? Essa é a questão que procuraremos responder a partir de nossa experiência enquanto professores orientadores que atuam na formação de novos professores de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nos valeremos das

experiências com esses futuros docentes nos encontros, oficinas, debates ocorridos em sala de aula, e na análise de relatórios e entrevistas realizados com eles, onde a questão preponderante é o exercício profissional na atualidade, num tempo compreendido por muitos como imprevisível.

O que são tempos imprevisíveis? Não há um porto de chegada seguro, determinado, esse é um entendimento geral, pronunciado pelos estagiários. Entretanto, não é possível afirmarmos que houve um momento de plena estabilidade para os professores de sociologia ou para os profissionais da educação na sua ampla gama. Não sabemos em que medida a certeza de que estaríamos numa profissão segura, estável, com objetivos muito bem definidos, não é uma crença ficcional que se assenta numa ideia de identidade profissional. Mas, certamente, vivemos tempos de desestabilização das certezas, se é que elas existiram em algum momento. A dúvida se instala na medida em que não é incomum o encontro dos estagiários em ciências sociais com as seguintes afirmações, proferidas nas escolas: antigamente o professor era valorizado, pois estava habilitado numa determinada área e o emprego era garantido; o salário era melhor; um concurso público garantiria seu futuro; a escola era diferente, havia respeito e valorização do professor; ninguém questionava sua autoridade; etc. Nessas máximas, ditas por antigos professores, reside a certeza de um passado que, sem sombra de dúvidas, foi melhor. Entretanto, ele se perdeu. A incerteza advém de nosso desconhecimento do que, de fato nos ameaça e “(...) do que deve ser feito - do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, (...)”. (Bauman, 2008, p.8)

É interessante pensarmos que a condição de estágio sempre é provisória e circunstancial, o que implica numa compreensão de que se vive, naquele momento, uma situação de passagem, onde um trabalho que exija um médio ou longo tempo para ser realizado é da ordem do impossível. A sensação é a de que estamos imersos em um tempo veloz, fugidio, onde um período de aula transcorre de maneira galopante. O excesso de informação impossibilita uma assimilação gradual e contínua de conhecimento, e faz com os jovens professores se frustrem diante da impossibilidade de atuar com maior disponibilidade de tempo para desenvolverem seus conteúdos de forma mais

densa. Sentem que não conseguem aprofundar em questões pertinentes a sua disciplina e permanecem à superfície do problema. Nas palavras dos futuros professores, “sempre faltava tempo, quando estávamos em pleno debate soava a sirene; preparei um conteúdo para cinquenta minutos de aula, se conseguir quinze foi um sucesso; são muitas opiniões advindas de informações dispersas, colhidas das redes sociais; é difícil concentrar em argumentos e fundamentação teórica; em alguns momentos parecia que as fontes e os estudos sobre determinadas questões não importavam, o legal, para muitos alunos era dizer se era contra ou se era a favor...”.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, ainda vigentes, é atribuição da sociologia do Ensino Médio o ensino dos fatos concernentes a vida social. Eles devem ser investigados, identificados, descritos a partir de referenciais sociológicos. Entretanto, o desafio de construir relações, estratégias, condições, didáticas e metodologias com vistas a contribuir para o desenvolvimento das potencialidades dos alunos secundaristas é uma constante, durante a realização dos estágios de docência, assim como a preocupação de que também caberia a sociologia auxiliá-los no exercício de questionamento crítico da realidade social.

Interação, observação, leituras, ambiente de sala de aula, planejamentos, currículos, materiais didáticos, desnaturalização, feminismos, cultura, imaginação sociológica, instituições, racismo, estranhamento, juventudes, sexualidades, relações de gênero, educação de jovens e adultos, diversidade cultural, misoginia, homofobia, conteúdos pertinentes, formas de ensino e aprendizagem, artes visuais, criação de espaços sociológicos nos ambientes virtuais, músicas, peças, poesias, fotografias, dicas de livros didáticos de sociologia, de filmes, de oficinas, e danças, entre outros componentes, estão na “caixa de ferramentas, na bagagem” do estagiário em ação na escola. Todos eles permeados pelo tempo escasso, daí a necessidade de se encontrar maneiras de aproveitá-lo ao máximo.

Outra questão importante para os profissionais em formação é o reconhecimento de que o trabalho contemporâneo, num amplo espectro, se caracteriza como precário, flexível, fragmentado, instável para todas as profissões, o futuro professor de sociologia, obviamente, não está fora desse

contexto. Diversos estudos sobre a organização do trabalho na atualidade apontam que as mudanças tecnológicas, informacionais e outras, contribuem para a desregulamentação, precarização, desemprego, perda de direitos trabalhistas e conseqüente enfraquecimento de instituições de representação coletiva de trabalhadores em geral. A vulnerabilidade profissional não é uma condição nova para o professor de sociologia, pois historicamente sobre ele tem pesado um status de menor relevância. O presente trabalho visa também compreender como os licenciandos de Ciências Sociais se adequam à conformação profissional da atualidade, e quais são as perspectivas que eles elaboram sobre o ofício de professor de sociologia para os anos que virão.

O reconhecimento da docência brasileira na atualidade se dá no quadro enigmático, complexo, indefinido. É uma profissão sujeita a planos de governo sempre contextuais, portanto, transitórios, à retórica da desvalorização profissional, e de que é necessário fazer algo para modificar essa situação, se faz presente em discursos tidos como mais ou menos progressistas, assim como nos discursos mais ou menos conservadores. Entretanto os investimentos estruturais destinados a ela e tudo o mais que a comporta têm sido mínimos. O uso excessivo da força policial contra as manifestações públicas de professores, parece naturalizar-se, assim como falas de indignação contra esse uso indiscriminado da força, registros imediatos desses acontecimentos influenciam na formulação de discursos ambivalentes sobre professores. Emergem também projetos de reforma do ensino médio<sup>1</sup> e outros que visam monitorar a fala de professores, censurando posicionamentos políticos, e exigindo uma postura supostamente neutra diante dos conflitos sociais, sejam eles da ordem política e/ou concernentes às questões de gênero e sexualidades.

Três aspectos permeiam essa escolha profissional, e em alguma medida se fazem presentes nas considerações dos futuros profissionais do ensino de sociologia, especialmente quando são elaboradas compreensões sobre conflitualidades que a constituem: a consolidação da disciplina no Ensino Médio, a distinção entre bacharelado e licenciatura, a precarização do ofício de professor na cena social atual.

---

<sup>1</sup> Ver: [http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem\\_09](http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem_09); Acesso em 04/07/2017.

Sobre o primeiro aspecto, longe de estarem superadas distinções disciplinares com o retorno da sociologia ao Ensino Médio através de Leis e Pareceres<sup>2</sup>, a credibilidade da real importância do curso de Licenciatura em Ciências Sociais e do profissional que nela atua ainda é questionada frente a outras disciplinas consolidadas nos currículos escolares. Algo observável em questionamentos feitos por secundaristas como, por exemplo “o que vai ser estudado tem importância? Para que serve a sociologia? Qual a função da sociologia? Qual é a utilidade dessa matéria? A disciplina de sociologia é cobrada no concurso vestibular? Onde a sociologia se aplica no mundo do trabalho? Onde vou usar a sociologia? Confusões com outras disciplinas do campo humanístico também não são incomuns, explicitadas em comentários e perguntas como: que aula é essa? Filosofia? História? Todas parecem iguais, ainda não sei para que servem, não sei qual é a diferença! ”.

A vivência no cotidiano da sala de aula, decorrentes da especificidade da disciplina de sociologia, segundo a avaliação de diversos estagiários, demanda tensionamentos e realizações. O reconhecimento do ensino e da aprendizagem, do significado e da importância dos conteúdos sociológicos para a formação, na educação básica, é um objetivo permanente. E, segundo Axel Honneth, a última esfera de reconhecimento, a solidariedade, está ligada à aceitação do indivíduo, em diálogo com os valores cultivados na comunidade em que se insere. É nessa esfera que o indivíduo trabalha a autoestima, confiante de suas realizações pessoais e do desenvolvimento de aptidões reconhecidas pela comunidade. (Salvadori, M. 2003, pág. 191). Somam-se, portanto, na luta pelo reconhecimento, aspectos de ordem profissional e individual. Não há como separá-los, segundo a avaliação de alunos estagiários.

Ser aceito, acolhido pela comunidade estudantil, e pela comunidade escolar no seu amplo formato, significa também acolher a disciplina de sociologia e reconhecer sua real importância. Por vezes, é possível perder-se e encontrar-se, em plena sala de aula, nas tentativas de resgatar e construir definições sobre o que é “mesmo” sociologia e qual sua relevância na vida estudantil.

---

<sup>2</sup> Ver: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32546>. Acesso em 04/07/2017.

Sobre o segundo aspecto, é necessário reconhecer que no campo da formação também pesam distinções entre Licenciando e Bacharelados em Ciências Sociais, e o Dicionário de Verbetes e Jargões Acadêmicos<sup>3</sup> as apresenta, referindo à Sociologia Acadêmica enquanto aquela que se desenvolve dentro da Universidade, com enfoque na pesquisa e produção de conhecimento científico. Predomina a presença de sociólogos preocupados com teorizações e dedicados à formulação de conceitos. Habitualmente, dedicam-se à universidade e não costumam dedicar tamanha importância ao ensino de sociologia na escola, envolvidos prioritariamente com a formação de novos Cientistas Sociais. Esse é o enfoque em cursos de graduação do Bacharelado em Ciências Sociais.

A Sociologia Escolar, por seu turno, volta-se à prática pedagógica e à promoção de assuntos tais quais Antropologia, Ciência Política e Sociologia na educação básica, direcionada especialmente ao Ensino Médio, e constitui-se tendo um enfoque profissionalizante, num viés interdisciplinar, por dialogar essencialmente com a área da Educação representada pelo Ensino e Currículo nas escolas.

Encontram-se, na esfera acima referida, profissionais que acreditam na relevância do ensino de sociologia na educação básica, dentre eles os próprios professores atuantes dentro da escola, alguns pós-graduandos, mas também se verifica a atuação no seio escolar de pesquisadores vinculados às universidades. Encontramos esse enfoque na Licenciatura em Ciências Sociais. Cabe ressaltar que há uma preocupação por parte dos licenciandos com a teorização, com os conceitos e com a pesquisa acadêmica, mas o que é central, importante para o futuro professor de sociologia é a possibilidade de transformar teorizações, conceitos e pesquisa em algo que faça sentido, que tenha alguma funcionalidade e que possa ser apreendido pelos alunos do Ensino Médio, ou seja, como tornar os conteúdos sociológicos algo acessível aos jovens que estão nessa etapa de formação.

---

<sup>3</sup> Ver PADINHA, Maria do Socorro R. P... [et al.]. Dicionário de Verbetes e Jargões Acadêmicos. Editora CirKula LTDA, 2016

Um estagiário relata sobre a surpresa de uma supervisora de escola quando foi informada que a Faculdade de Educação da universidade era separada da faculdade de Ciências Humanas. E que o contato propriamente dito com o universo docente e discente da educação básica só ocorria na realização das disciplinas da faculdade de educação, separado da formação, cuja base, desde o início, não era voltada para a prática docente. Afinal, parecia não fazer sentido, de acordo com a avaliação da supervisora, que futuros professores de sociologia somente “mergulhem na realidade das instituições escolares”, teórica e empiricamente, no final de suas trajetórias de formação. Também havia uma ressalva: embora as disciplinas da Faculdade de Educação fossem ofertadas nos segundos semestres, sobre elas pesavam o status de menor importância, de menor qualidade para a formação na Licenciatura em Ciências Sociais. Uma crença disseminada nos cursos de licenciatura e bacharelado, por professores e alunos.

O estagiário, acima referido, foi questionado, por que isso ocorria? Ele confessou não saber a resposta final, mas tinha conhecimento de que alguns ensaios compreensivos, sobre essa situação, já estavam em curso em poucas disciplinas da formação, da licenciatura em Ciências Sociais. Talvez, nos termos de Bourdieu, as distinções entre Bacharelado e Licenciatura, implique na afirmação da superioridade de alguns em relação à inferioridade de outros, desempenhando uma função de legitimação das diferenças que os constituem.

Nos cursos de sociologia, o bacharelado e a pesquisa são considerados diferenciados e de maior importância que o trabalho realizado junto à educação básica. Vale lembrar que essa diferenciação não é incomum em outras áreas de conhecimento onde encontram-se cursos de licenciatura e bacharelado. Trata-se de um mecanismo consagrado de estabelecimento de interesses (por vezes diferenciados), de hierarquias, de qualificações, de apreciações distintas. Isso poderia implicar numa espécie de depreciação, de desqualificação do ofício do professor em relação ao acadêmico.

Entretanto, o ofício docente dispõe de forma atuante junto à uma possibilidade real, concreta, de transformação e contribuição às novas gerações, enquanto o acadêmico habitaria uma espécie de universo paralelo, de um contexto que parece só fazer sentido ali, naquele espaço, muito embora



com grande reconhecimento social (distinção nobre) porém distanciada da concretude da sala de aula. Acadêmicos, intelectuais, teriam uma visão abstrata dos problemas da educação, distanciados das instituições escolares (e pouco interessados nos seus problemas) não reconheceriam, de fato, as dificuldades da profissão docente, as impossibilidades do labor, o nível precário de conhecimento dos alunos. (Dubet, 1997, p.6-7). Fariam sentido, portanto, afirmações corriqueiras nas formações, em diferentes licenciaturas, e expressadas por professores atuantes na educação básica de que teoria é uma coisa e prática é outra? De que a verdadeira formação de professor se constrói da sala de aula? De que o aprendizado do ofício só se dará no espaço da sala de aula? De que a universidade se encontra distanciada do universo escolar básico e não entende, e nem quer entender seus conflitos, complexidades e potencialidades?

Sobre o terceiro aspecto, a precarização do ofício de professor no contexto atual, ela é uma condição profissional da atualidade amplamente presente na fala dos futuros professores. Uma precarização que abrange uma ampla gama de aspectos que vão das condições estruturais às condições pessoais. O conceito de precarização pode ser comparativo, levando em conta algo que adquiriu contornos estáveis (trabalho permanente) homogêneo e previsível, verificado até as décadas de 1970 e 1980. A imprevisibilidade, fragilidade e deterioração do trabalho na atualidade, traduzida num contexto de diminuição de qualidade do trabalho, de insegurança e de depreciação das relações trabalhistas, torna frágeis também as relações sociais e a própria questão identitária do indivíduo, que se reconhece enquanto ator social exercendo seu ofício. (Gennari & Albuquerque, 2012, p.75).

Na análise das mutações do capitalismo contemporâneo e seus efeitos no campo educacional, se encontram os estudos de Bauman. Esse autor afirma que os educadores contemporâneos se deparam com desafios impensáveis em tempos passados. A atualidade é conformada por contínuas substituições de conhecimentos, de metodologias, de descartes (inclusive humanos), de desinstitucionalização, de privatização e a “individualização” dos processos e das situações de ensino e aprendizagem, além da gradual e inexorável substituição da relação ortodoxa professor-aluno por aquela de

fornecedor-cliente, ou aquela centro comercial-comprador”. (Bauman, 2009, p.670) Desafios de viver em um mundo ultra saturado de informações e, continuamente, educar novas gerações neste novo modo de viver, onde não existem mais regras seguras para a prática das profissões e os conhecimentos logo envelhecem em prol de um sempre novo, um processo que contribui para a larga produção da “(...) ignorância humana.” (Idem, p.674).

No âmbito educacional, mormente à educação pública, a precarização profissional concerne às más instalações das escolas, a eterna falta de recursos, ao uso de equipamentos sem manutenção técnica, aos banheiros, as salas de aula, aos corredores em péssimas condições físicas, aos cortes de verbas, ao desconforto generalizado com salários baixos e pagos, não raras vezes, de forma parcelada. Muitos professores trabalham em mais de uma instituição, eles precisam deslocar-se cotidianamente de um lugar para outro, por vezes de grandes distâncias, os problemas de saúde, as licenças, as faltas às aulas, justificadas ou não, são constantes e a violência na escola e em seu entorno, encontra-se naturalizada para alguns profissionais.

De acordo com os relatórios dos estagiários, assim como observações feitas diretamente nas instituições, verifica-se certa regularidade relativa aos problemas de infraestrutura, o que, na avaliação dos estagiários, pode provocar o desestímulo, o desinteresse, o encontro de “relações estilhaçadas” (Dubet, 1997, p.228). São condições que vão conformando um ambiente de trabalho degradado, enfraquecido, deteriorado. As melhorias profissionais por vezes são buscadas através de greves, de movimentos, de passeatas, atos de protesto e a reação do Estado não tem prescindido do uso desmedido da força. (Gadini, 2015, p. 14)

Nas palavras de uma estagiária: *A profissão docente abarca muitas incertezas que correspondem, mesmo que sutilmente, uma fluidez e uma necessidade de adaptação ao mundo atual. A trajetória tende a ser marcada por diversos momentos, talvez frequentes, de frustrações, medos, decepções,*

*apuros, medos e desesperanças que podem até acarretar em consequências dolorosas.*<sup>4</sup>

Nesse cenário, cabe o questionamento: por que o jovem da atualidade deveria se preocupar com a possibilidade de um trabalho duradouro, estável, se as prospecções de um futuro profissional durável, permanente, são da ordem do impossível? Além disso, as mudanças em curso na sociedade brasileira no que se refere, por exemplo, aos direitos trabalhistas, ao tempo de aposentadoria, aprofundam questionamentos sobre o quão pertinente é possível ter estabilidade e projetos de vida a médio e longo prazo.

### ***Por que persiste nos alunos o desejo pelo ofício de professor de sociologia?***

A precarização do ofício de professor em Ciências Sociais, e o quão perturbador são os prognósticos dessa classe laboral, inscreve-se em um cenário onde a preocupação em responder a um estilo de vida que caracterizou gerações anteriores parece não encontrar mais lugar. Uma tradição, na avaliação dos estagiários, que imperava em décadas anteriores, traduzida nos projetos de obtenção da casa própria, na constituição de uma família, na consolidação de uma carreira de pouca flexibilidade. Em linhas gerais, a escolha de uma boa formação garantiria solidez e estabilidade profissional, bastaria percorrer uma sucessão de etapas, a denominada carreira, e o labor escolhido poderia ser vivenciado de forma exitosa. Nessa perspectiva de análise, é de fundamental relevância os argumentos de Bauman acerca da impossibilidade de se assumir compromissos, a longo prazo, em tempos líquidos como ele define a atualidade:

No mundo mutável da modernidade líquida, onde dificilmente as figuras conseguem manter a sua forma por tempo suficiente para dar confiança e solidificar-se de modo a oferecer garantia a longo prazo (em cada caso, não é possível dizer quando e se se solidificarão e com que pequena probabilidade, no caso de isso ocorrer), caminhar é melhor do que ficar sentado, correr é melhor que caminhar e surfar é melhor que correr. As vantagens do surf estão na rapidez e vivacidade do surfista; por outro lado, o surfista não deve ser exigente ao escolher as

---

<sup>4</sup> Katiele Santos da Silva. Relatório de Estágio: A formação do professor: o processo de identidade docente e a perspectiva da docência como profissão na contemporaneidade. UFRGS, 2014

marés e deve estar sempre pronto a deixar de lado suas habituais preferências (BAUMAN, 2009, 664)

Os tempos profissionais atuais são de alterações socioeconômicas, de volatilidades, de mudanças culturais, de incertezas, e especialmente, de grande vulnerabilidade. Neles, palavras como indivíduos proativos, independentes, competitivos, capazes de administrar individualmente seus trajetos laborais, aprendizado contínuo e capacidade de adaptação às mutações constantes dos conhecimentos tecnológicos, ganham a cena social. No contexto atual, há “(...) uma mudança da responsabilidade da orientação da carreira para o indivíduo, que deve adequar-se continuamente às transformações do mercado de trabalho”. (De Luca, 2014, p.3)

Tempos turbulentos, onde caberia questionar como esses jovens se imaginam nos anos subsequentes a suas formações. O que motivaria os estudantes a concluírem a graduação nessa área específica de conhecimento? Qual seria a função da sociologia no ensino médio tão à mercê de projetos tidos ora como progressistas ora como conservadores? A sociologia “retorna” ao Ensino Médio desafiando os seus profissionais à produção de currículo, conhecimentos e didáticas apropriadas às demandas da educação da atualidade. Entretanto, esse retorno não está consolidado, visto o questionamento da validade, importância e utilidade dos conhecimentos sociológicos que estão em discussão nos projetos de reforma educacional vigentes, lançados no contexto atual. As ciências humanísticas em geral (história, filosofia, sociologia) são visualizadas como disciplinas onde seus profissionais defendem posturas ideológicas, partidárias, e desinteressantes para as escolhas profissionais dos estudantes do Ensino Médio. O campo técnico, com seus saberes, suas ciências e tecnologias, supostamente responderia mais aos anseios dos jovens que assim garantiriam seus lugares no mercado de trabalho.

Ademais, não são incomuns as observações de alunos, dos cursos de licenciatura em Ciências Sociais, de que vivemos tempos imprevisíveis. A improvisação e a sensação de que as coisas mais duradouras estão sujeitas a instabilidades e incertezas são vivenciadas por todas as pessoas, em especial

no cotidiano mundo do trabalho. Nas palavras dos alunos, há uma sensação empírica, não muito bem elaborada, de que “se dança conforme a música” que estiver sendo tocada. Acepções tais quais “não vou me preocupar com o trabalho, porque nunca vou me aposentar”, são ilustrativas das incertezas profissionais que constituem o jovem contemporâneo em formação. Isso não significa que ele não trabalhe, entretanto, suas condições de atuação profissional são outras, se diferenciando do modelo anterior, no qual era possível prever razoavelmente o ápice de uma trajetória no mundo do trabalho.

Alunos estagiários afirmam que o principal significado da escolha profissional é atribuído ao impacto potencial que o sociólogo pode exercer na vivência e cosmovisão de um aluno, pois é preciso uma educação mais humana. O ensino de sociologia pode contribuir para a elaboração de pensamentos críticos, visto a realidade que se apresenta cada vez mais alienante, portanto é necessário fazer algo com o que se tem hoje, ao invés de se “jogar para o futuro” as possibilidades de uma vida melhor para todos. É um terreno fértil que se com habilidade é explorado, a atuação microfísica pode, de alguma forma, alterar a realidade material. Isso significa, de alguma forma, produzir rupturas em unilateralidades de pensamento e assim, romper com a lógica reprodutiva do status quo. Para tanto, é necessário buscar uma metodologia de aulas que parta da concretude e da realidade dos discentes, mas não fique na mera repetição do conhecido método cansativo, métodos que servem as formas reprodutoras das diferenças de classe.

As salas de aula, as instituições escolares são universos de experiências, de energias, de vidas, muitas delas não contempladas pelas reformas, pelos currículos e pelos livros didáticos oficiais. Talvez, avaliam os estagiários, o enfraquecimento e o desaparecimento das instituições escolares, indique a necessidade de reconstruí-las a partir de outros moldes. Moldes, menos descontextualizados, menos estereotipados, menos descolados da realidade dos alunos, homogeneizantes e em descompasso com culturas dinâmicas em constante transformação. A saber, reconstruí-la como espaço ocupado por pessoas, jovens e adultas, no qual as relações sociais ocorram de forma horizontal, independente das identidades de gênero e sexuais. Reconstruir instituições escolares onde os conceitos de inclusão, cidadania, democracia

não soem como meros clichês. Onde os conhecimentos permitam uma compreensão amplificada do mundo da vida e as demandas (tradicionalmente ausentes nos projetos de governo) trazidas pelos estudantes, pelos professores e pelos funcionários não sejam consideradas de menor importância.

A oportunidade de dar aulas, à docência, para muitos deles, significou se colocar, e se imaginar exercendo uma profissão, percebida anteriormente como impossível, como improvável. No ato de exercê-la a impossibilidade se transformou em algo possível, prazeroso, exigente e desafiante. Assim como implicou na descoberta de afinidades com alunos. Planejar, observar, aprender, fazer conexões dos fatos trazidos por eles com os conteúdos da disciplina, tentar traduzi-los, a partir de ferramentas sociológicas, foi uma experiência enriquecedora, em muitos aspectos, especialmente no entendimento das vicissitudes que envolvem o ensino e a aprendizagem da atualidade. Uma professora, atuante há muitos anos na educação básica perguntou a uma jovem estagiária: “ (...) mesmo vivenciando todos os problemas do ensino público, durante sua experiência de estágio (precarização, violências, descasos, desmotivações, entre outros) você ainda quer ser professora? ” A estagiária, rapidamente, segundo seu relato, respondeu que sim. Ela havia se envolvido com a rotina da escola, compartilhado conhecimentos e afetos com alunos e professores e não via motivos para tentar seguir outra trilha profissional, para desistir da docência. Pelo contrário!

Sousa Santos afirma que seu “otimismo trágico” resulta da dupla ideia de que são enormes as dificuldades em imaginar e mais ainda em construir uma sociedade mais justa e equilibrada, não só nas relações entre humanos, mas também nas relações entre estes e a natureza, e de que, por outro lado, essas dificuldades não são tão inelutáveis que eliminem de todo a possibilidade das alternativas.

Parece-nos que a máxima, do autor acima referido, de que “não há como prescindir da capacidade de se buscar alternativas”, e de que “a sociedade, tal como ela está, exige inconformismo, transformação”, nos permitem pensar na atuação e nos sentidos atribuídos pelos futuros professores de sociologia, no Ensino Médio, as suas escolhas profissionais. Porque mesmo diante do

reconhecimento das problemáticas que perpassam a atuação profissional no contemporâneo, sejam elas decorrentes do não reconhecimento, da disciplina do ensino médio, da diferenciação entre bacharelado e licenciatura, e da precarização do trabalho e da educação, em termos gerais, persiste a vontade de ser professor, e de lutar pelo reconhecimento, pelo fim do elitismo acadêmico, e por melhores condições de trabalho e de valorização da educação na sociedade brasileira. E partir do pressuposto de que, naquilo que existe, está contida a potencialidade do diferente, a possibilidade daquilo a que Ernst Bloch chama o “ainda não”: as tendências, as latências, as emergências. (Sousa Santos, 2012, p.685)

Onde o poder se exercita, de acordo com argumentos foucaultianos, sempre há uma possibilidade de resistência. São lutas necessárias, constituintes da própria profissão e é necessário considerar as muitas possibilidades de vivê-las. Não existe um conformismo, mas sim a aposta no argumento de que a realidade não pode ser reduzida ao que está dado. Com essa perspectiva, os informantes do presente artigo também atentam para a necessidade de se produzir uma agenda de pesquisa-ação, onde de se considere a possibilidade da sociologia permear, atravessar diversos conteúdos do campo educacional, inclusive com ações na burocracia institucional. Eles lembram que é possível também atuar profissionalmente de outras formas, em outros espaços de ensino de sociologia, como educador social em ONG's e afins, e que o currículo, em suas amplas configurações, é um campo fértil, e pode ser muito bem ocupado. Eles pontuam que a imersão em contextos de vida diferentes, nos trabalhos nas margens, sempre no limite, nos permitirá aprender bastante e ensinar tanto quanto possível. De que às vezes é necessário ir devagar, especialmente quando forças que aniquilam a vida exigem o contrário.

### ***Referências***

BAUMAN, Zygmunt. Entrevista sobre Educação. Desafios pedagógicos e Modernidade Líquida. São Paulo, Cadernos de Pesquisa, v.39, n.137, p.661-684, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a16.pdf> Acesso em 20/09/2016.

BAUMAN, Zygmunt. Medo Líquido. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A Distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2008.

BRAVERMAN, Harry. Trabalho e capital monopolista: a desintegração do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

DE LUCA, Gabriela; OLIVEIRA, Sidinei Rocha de; CHIESA, Carolina Dalla. Contribuições de Gilberto Velho para os Estudos sobre Carreira: Projeto e Metamorfose de Indivíduos e Coletividades. XXXVIII Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro, 13 a 17 de setembro de 2014. Disponível em: [http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014\\_EnANPAD\\_GPR1542.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014_EnANPAD_GPR1542.pdf) Acesso em 20/06/2017.

DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet. São Paulo, Revista Brasileira de Educação, n. 5, maio/ago.1997, p.222-31.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GADINI, Sergio Luiz. Coberturas jornalísticas (de)marcadas: a greve dos professores na mídia paranaense em 2015. [livro eletrônico]/ organizado por: Sérgio Luiz Gadini. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015. Disponível em: [http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/39968731/COBERTURAS\\_JORNALISTICAS\\_DEMARCADAS.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1499296623&Signature=WVf%2Bzw5hyNoG1%2F9Z71NfabnmjgY%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DO\\_acontecimento\\_em\\_140\\_caracteres\\_os\\_pro.pdf#page=82](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/39968731/COBERTURAS_JORNALISTICAS_DEMARCADAS.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1499296623&Signature=WVf%2Bzw5hyNoG1%2F9Z71NfabnmjgY%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DO_acontecimento_em_140_caracteres_os_pro.pdf#page=82) Acesso em: 05/07/2017.

GENNARI, Adilson; ALBUQUERQUE, Cristina. Globalização e reconfigurações do mercado de trabalho em Portugal e no Brasil. São Paulo, Revista Brasileira de Ciências Sociais., 2012, v. 27, n.79. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n79/a05.pdf> Acesso em: 05/06/2017.



SOUSA SANTOS, Boaventura. O intelectual de retaguarda: Entrevista a Boaventura Sousa Santos. *Análise social: Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*. - Lisboa, 2012, vol. 47. Disponível em: [http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS\\_204\\_f01.pdf](http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_204_f01.pdf) Acesso em 20/05/2016.

PADINHA, Maria do Socorro R. P... [et al.]. *Dicionário de Verbetes e Jargões Acadêmicos*. Porto Alegre: CirKula, 2016